

O autor, o narrador e um caderno entram num Ford Fiesta

A literatura oferece a cada leitor a viagem que lhe for mais desejável ou a que mais lhe convier. A pé, de burro, de autocarro, de comboio, de barco ou em balão, seja como for, é possível, página após página, ir a incontáveis lugares, reais ou imaginários, próximos ou distantes, a múltiplos recantos do passado, do presente ou do futuro. Listar exaustivamente livros de viagens seria, como é óbvio, fastidioso. O que interessa é saber que, escritos por trota mundos ou por quem se confinou num quarto, eles aí estão, em abundância, para que com eles – e agora com *O Caminho de Royat*, de José Miguel Braga – nos possamos embrenhar em andanças singulares.

Aos que apenas pretendem unir o lugar de partida ao ponto de destino a tecnologia oferece hoje uma certa utilidade e segurança. As aplicações para dispositivos móveis, baseadas em sistemas de navegação por satélite, indicam com uma exactidão nem sempre infalível

qual o melhor caminho a seguir para chegar onde pretendemos. Uma delas indica que Braga e Royat distam 1252 Km para quem for a pé e 1338 km se se optar por ir de automóvel. Se, improvavelmente, alguém se dispusesse a uma certa fadiga, necessitaria de dispor de 287 horas para efectuar o percurso pedestre. De resto, talvez a previsão seja optimista, assim como a que estabelece que é exequível fazer a viagem de bicicleta em 81 horas. De carro, o tempo diminui para 12 horas e 8 minutos. E reduz-se ainda mais com um voo directo, disponível duas vezes por semana, que demora duas horas menos cinco minutos.

Mas a pressa não é um atributo do bom viajante. O que mais importa não é exactamente ligar duas localidades por uma rápida linha, o mais recta possível. E a literatura são, sobretudo, descaminhos. Caminhos, há-os, também, com certeza, mas o que mais importa são os desvios. No trajecto entre Braga e Royat, percorrido quando as auto-estradas eram escassas, as derivações multiplicam-se. São elas que favorecem encontros, desencontros, avistamentos, desapareições. Sortilégios de todo o género. Enredos inesperados. Tudo é contado pelo narrador ou pelo autor, conduzidos, ambos, tantas vezes, por um caderno fascinante e omnipresente, cujas páginas fazem despontar episódios, evocar personagens,

recriar ambientes, renascer histórias antigas. “*Le cahier c’est moi*”, poderia dizer José Miguel Braga.

“O viajar parece-me uma actividade proveitosa”, escreveu Montaigne, que o autor aprecia e refere. Com as viagens, acrescenta Montaigne, “a alma exercita-se continuamente a observar coisas desconhecidas e novas; e não sei de melhor escola [...] para formar a vida que incessantemente lhe apresentar a diversidade de tantas outras vidas, opiniões e costumes; e dar-lhe a provar uma tão perpétua variedade de formas da natureza humana”. Observando que “o corpo não fica assim nem ocioso nem fatigado; e tal agitação moderada dá-lhe alento”, Montaigne anota que, apesar de sujeito a cólicas, se mantém a cavalo, sem desmontar e sem se aborrecer, entre oito e dez horas <sup>1</sup>. Um quantos dezenas de cavalos terá o automóvel, o Ford Fiesta, vermelho, em que narrador e autor desbravam *O Caminho de Royat*.

A viagem tem, em numerosas ocasiões, acompanhantes vários – amigos, filósofos, escritores, cantores, músicos, deusas, musas... – que, muitas vezes, iluminam a alma. Mas outros há que quase apenas emergem para assombrar – e é impossível não reparar no Conselheiro, às vezes uma espécie de ajudante do condutor da narração.

---

1 Montaigne – *Ensaaios. Antologia*. Relógio d’Água, 2016 (pág. 256)

As companhias são muitas e as saudades não são poucas. Diz o narrador que, tendo compreendido o que eram as saudades, desconfia que também aprendeu alguma coisa acerca das viagens. É certo que sim, mas a questão pode ser outra e surge assim enunciada: “Depois alguém me pergunta se isto é literatura de viagens”. A resposta é prudente: “Bem, viagem é, literatura não sabemos ou não podemos saber”. É que “às vezes, entre dois parágrafos desenha-se um abismo e será preciso atravessar uma zona de ventos”.

Ainda que precavida, a observação seria dispensável. A condução da narrativa faz-se com uma desenvoltura, uma perícia irónica, que anula o risco. É literatura, claro. De tal modo, que, se necessário, se pode afirmar que seria ela a prevalecer sobre a própria viagem. A literatura, aliás, como também reconhece o narrador, “anuncia-se ao cabo de muitos dias e de uma espécie de refogado de coisas que se entrelaçam misturadas com conveniências”. O “refogado de coisas” é a designação autoderrisória escolhida para classificar o género digressivo de *O Caminho de Royat*. A sofisticada composição da engrenagem da memória, a costura de circunstâncias tão diversas é imposta pelas anotações do caderno, pelas recordações do autor e pela conveniência coreográfica do narrador. Poder-se-ia, talvez, dizer conveniência literária,

poética, musical, mas diga-se conveniência coreográfica, pois que, nos seus movimentos e ritmos, a viagem segue como uma dança. Como uma profissão de fé na literatura e nas viagens – na memória e na imaginação – que a alimentam.

*Eduardo Jorge Madureira*



No fim dos anos oitenta, eu andava deslumbrado com o que via na estrada. Anotava o nome das terras e dos rios, espreitava as montanhas, registava impressões de paisagem e às vezes sentia-me levado por alguma peripécia que, na minha ingenuidade de viajante provisório, parecia prometer aventuras literárias. Crescia a vontade de escrever sobre as viagens de carro entre Braga e Royat. Um dia acordei assustado com um estrondo. Levantei-me e vi o meu caderno de apontamentos no chão. Na altura, pareceu-me conveniente acreditar que ele não podia ter caído sozinho. Foi alguém ou estranho caso da natureza que fez este lindo serviço. Pus-me a olhar e o objecto parecia coisa viva, assim coberto com uma espécie de pó e uma radiação que iluminava a noite do laboratório. Recolhi-o com cautela, como se fosse um animal de estimação. Pareceu-me ver folhas soltas e senti uma tremura ou uma espécie de vento que agitava o pequeno bosque. Fiquei ansioso, lembro-me bem e

resolvi tomar café. Nesta fase da minha vida, a cafeína não me traz acessos de energia, pensei eu e depois olhei à minha volta, vi as coisas abandonadas e senti medo. Felizmente, a assombração durou pouco. Convenci-me que tinha acabado de fazer uma breve viagem a um lugar desconhecido e que era natural sentir o meu corpo estranho e transparente, como se fosse habitado por um moinho de papel. Entretanto comecei a ouvir música. Era um encanto ou talvez um sinal estranho que se instalava na atmosfera do estúdio. Considerei que a noite tinha passado depressa e que era necessário tomar algumas decisões. A primeira coisa a fazer é vencer o medo e a inércia e a isso chama-se coragem.

Tomei o pequeno-almoço, arranjei-me e fui passear pelo Parque de Royat. Trazia o caderno comigo, o que me fez sentar num banco de pedra. Apetecia-me ler e escrever. Entretanto veio um pisco de peito ruivo que se pôs a balançar num raminho. Depois o pisco voou e pousou numa carriça. Chegou ao mesmo ramo, mas cantava de pescoço erguido, como se fosse uma harpa soprada por um cornetim. A carriça também voou e fiquei sozinho a ruminar. Era um daqueles dias atrevidos, atirados ao mundo de barriga cheia. Aproveita a sorte, guarda os sinais! A voz que isto dizia nascia do caderno. Havia uma leve estridência nas folhas, como se um vento as agitasse. Eu procurava não dar grande importância ao estranho

acontecimento, mas reconheço que foi assim que tudo começou. Levantei-me sorridente e resolvi preparar-me para a viagem. Sentia-me confiante, com o ar fanfarrão de quem domina as matérias.

Está na hora de carregar o Fiesta. Durante a tarde preparamo tudo. O caderno, felizmente, parece ter sossegado. Cheguei a pensar num estranho animal que pudesse ter acordado em alguma estrada secundária do espaço-tempo. Regresso ao meu estúdio, tiro o caderno do bolso e pouso-o com cuidado na mesa. Fiquei parado durante algum tempo. Deixei esmorecer a angústia e dispus-me a continuar a leitura. Quase tudo o que eu escrevia falava das viagens. Havia notas, apontamentos, observações, memórias, princípios de novela, desenhos de figuras mais ou menos esquinadas e geométricas. Às vezes o caderno parecia mais sossegado, mas certas noites aparecia ao dobrar de uma folha um estranho animal com grandes órbitas de coruja, olhos que vêm de noite.

Regressei naquele fim de tarde às viagens que eu fazia, numa época em que quase não havia auto-estradas e se podia andar a conduzir um enredo por meio de bares e de cafés de estrada. Chegou o tempo da escrita, meu caro e a primeira coisa a fazer é procurar os mapas. Cá está a estrada de Chaves, as curvas de Salamonde e da Venda Nova e depois a serra do Barroso pelas encostas de Boticas. Vou por aqui, é linda a ponte romana. Passo a Veiga

de Chaves e subo a grande montanha galega até deixar o olhar nos altos de Peña Trevinca. Depois, Castilla y León traz Benavente, Palencia, Burgos e o *Desfiladero* e já me aproximo do País Basco, Bilbao, arredores de San Sebastián, agora a fronteira e o grande pinheiral das *Landes*, Bordéus, o eco de Montaigne e a floresta negra do Périgord, depois a Corrèze nos bairros adormecidos de Brive-la-Gaillarde, Tulle, Ussel, as montanhas do Maciço Central. Já vejo o Puy de Dôme e a floresta a descer a encosta de Royat.

Contar a viagem de lá para cá é mais difícil. A pressa muda a calma das memórias em vertigem. Eu quero chegar, eu quero chegar, a terra é redonda, atravesso as semi-rectas e ainda não posso ver as luzes da cidade, o café do bairro, tu sentada à minha espera e eu com ar de vela panda a cantar hosanas com ar de barítono da IX Sinfonia. Quando vinha para Portugal, depois de descer a estrada do Barroso e enfrentar as curvas que me haviam de levar a casa, ninguém me apanhava. Uma vez fiz a viagem com o George e com a Ana. Nos pedaços de auto-estrada entre Bordéus e a fronteira de Hendaye e pelas serranias que se erguiam no caminho de Burgos, o meu Fiesta levava umas calcinhas, mas quando chegava ao desfiladeiro entre a Cabreira e o Gerês, eu renascia ao volante de um triturador de curvas. Terceiras, quartas, parece que me empurrava uma força subida pelo Vale do

Este e o carro deslizava como se fosse uma cobra com fogo no rabo. Nessa parte da viagem o Honda Civic do George ficava a ver navios e o meu Fiesta voava.

Mais atrás, rolavam docemente a Luísa e o Rui. O menino olhava, auscultava a paisagem, parecia um médico de família. O Vítor ainda estava a trabalhar na Michelin e regressava dias mais tarde com os pais, a dona Alda e o senhor José Chaves. Ambos de olhar levantado, ela com o seu modo avisado e ele com um sorriso encantado. Entretanto, já o Fiesta e o Honda Civic encaixavam as curvas da Venda Nova e ainda a Luísa se preparava para a partida. Chegaram aos Salins, junto à Gare Routière, à hora marcada. Qual quê! O jovem casal Júlio e Odete com os seus pequerruchos adormecidos, ainda agora se prepara para largar do Boulevard La Fayette. Ela fala com uma suavidade de açúcar em rama e ele também, embora em tom mais grave. O mais novo de fralda e o outro a preparar-se para tocar violino. Muito atraso e muita simpatia. Seguiram caminho, um longo caminho de paragens e convivência, há que cuidar dos meninos, descansar os olhos da paisagem. Já nas *Landes* um furo no atrelado e um caminho de areia até aparecer uma oficina. Lá chegaram ao Altube, o presépio instala-se no hotel e alegres vão a Luísa e o Rui a descer para Vilar Formoso. Por aqueles descampados de Castela corria a viatura e a Luísa cantava o fado do Consulado:

“(…)

Porque sou eu quem o digo

.....

Viva a floresta, viva a nossa festa

Viva o que é inventado

Viva a senhora professora

E viva o senhor Consulado

(…)”

Dali a Cabanas ainda é um bocado e no alto e arejado descampado do Altube, o querido casal aguarda nos seus vagares o despertar dos meninos adormecidos. Segue Luísa. Lá vai ela, lá vão eles. Passada a Espanha, entram nas terras da Beira e não tardam a avistar Cabanas de Viriato. Lá estavam a Dona Maria e o Senhor Seabra. Ai, meus queridos pais! O Vítor quando vem? Anda Vítor, pensava eu, temos que visitar os pinhais, passar na casa onde se escondia o João *Barandão* e sonhar o leitão de Fiais da Telha.

No regresso, o mundo parece ter sentido único e os andamentos confundem-se com o desejo. Eu só queria encontrar a minha amada e jantar com os amigos. Às vezes dormia em casa dos meus pais, como se ainda fosse pequeno e depois desaparecia misturado nas lembranças. Durante a noite bebia uma água triste e dela nascia uma grande alegria que me fazia viajar pelas ruas de Braga. A

verdade é que não tenho grandes memórias das viagens de regresso. Vinha sempre muito feliz e a felicidade não é grande obreira de ficções. Trazia garrafas de vinho para beber com os amigos e quem me visse passar podia imaginar um cantor de ópera flutuante a esganiçar uma ária de Puccini e *luziam as estrelas*, eu chorava debruçado nas ameias do castelo e pouco depois ouvia os cascos e o sorriso montanhoso de *Dioniso* e deixava-me sossegar entre as peripécias engraçadas das *Bodas de Fígaro*... Ai, Susana, meu amor, minha senhora Rosina, que hei-de fazer, não consigo parar esta dor. É verdade, eu cantava, mas ia cego e de pé ligeiro, cuidava das órbitas, abria a janela e trincava os dedos, parava para acordar. Conhecer a Espanha nos bares de estrada e nas estações de serviço fazia parte da minha missão.

Aproveito para emprestar a este longo episódio de mil e quatrocentos quilómetros algum interesse literário e por isso, ao atravessar a Meseta, lembro a tentação do “Vagabundo ao serviço de Espanha”, de Camilo José Cela e as maravilhas de “El Ingenioso Hidalgo Dom Quixote de La Mancha”, de Miguel de Cervantes Saavedra. Embora alimentado por acções e miragens espanholas, eu sentia-me arrastado pelas imagens de um filme de Jacques Tati. As minhas viagens a Portugal trazem-me a porta do restaurante, o seu vai e vem e eu no papel de Monsieur Hulot também ia e vinha. Na passagem

ficava o movimento, o olhar da máquina de filmar. Trago comigo os álamos de Benavente, um castelo na colina, o povo desaparecido das aldeias, alguns cafés com clientela macambúzia, luz e sombra, emboscadas e a mesa de pedra sob o ulmeiro.

Não é conveniente, no entanto, alongar-me nestas considerações generalistas, sempre tão enganadoras. O melhor é falar da ida e da volta e misturar as lembranças. Para cá venho sensível, para lá sou invencível. Essa é boa. Põe-te a armar, põe. Estas terão sido as primeiras palavras do Conselheiro, um amigo que nos vai acompanhar. Para dizer a verdade, não serão as primeiras palavras. Há pouco, quando me pus a consultar os mapas, foi ele que me falou. Estou a reconhecer perfeitamente a voz. No entanto, o Conselheiro ainda não sabe bem a quantas anda e por isso lhe é indiferente que chova ou faça sol. A bem dizer, não tenho outra hipótese, diz ele e continua. Vou contando as passagens, como se desfiasse um rosário de pirilampos. Agora vou ficar impressionado.

Passo nos arredores de Vitoria-Gasteiz e comovo-me com roupas à janela em San Sebastián. Guardo pedaços de cinema e ao fim de algum tempo sofro um estado de grande convulsão. Por artes e manhas que não pretendo investigar, a viagem ficou escrita no corpo. Deixo ficar as coisas como estão. Tenho que conviver com este estado de grande actividade sísmica, mas já sei o que me espera.

Um dia sento-me, ponho o ar sério de navegador solitário, penduro-me num cigarro e vai tudo a eito. Bebo água, saio um pouco para desentorpecer as pernas e continuo pela noite fora mais ou menos *in media res*. A viagem é longa, há muitas passagens e é natural que eu me ponha às vezes a pensar em coisas que já lá vão. Falo comigo e não chateio ninguém.

Aparecem lugares estranhos. Um jardim húmido e maltratado, o lago cheio de limos entre o cardume vermelho, caem folhas do tulipeiro, depois a sequência acelera, apareço numa laje ao sol, entre os répteis, os castanheiros no outono, as aves regressam à noite, uma grande tormenta estilhaça a infância e as memórias do campo. Na parte mais comovente da divagação aparece a luz baça e antiga e eu sentado a ler no escritório. Não havia ninguém, mas olhava em volta e nasciam paisagens semelhantes à estrada infinita. Penso na viagem, a redenção ante a opacidade do mundo. Os livros guardam a perfeição dos sentidos. Sei lá onde nasceu a minha alma. Sacrário de origens?! Veios obscuros, talvez. Veredas. Guardo a noite e as horas, o primeiro poema. Era uma lua pálida, inútil, sobre um cenário geométrico. Na linha do fundo, o contorno da montanha sem luz, espaço invisível da propensão metafísica. Estou a ver perfeitamente a cena. Ar confiante, peito às balas, a lucidez a espreitar muitos anos ao longe. Nessa altura posso falar de coisas

simples, as que vivem ao meu lado, as que se escondem da luz. De momento ando a procurar lírios no meio de um laranjal.

No Liceu era bom aluno a inglês. Calhava-me bem a música da língua, mas na velha casa da Avenida havia um piano alemão com castiçais, um *Kopfhansen* preto e eu teimava em ser pianista e por extensão ou enigmas da tradição resolvi estudar francês. Chegado ao sexto ano, pus-me a ler as “Cartas do meu moinho” e o “Tartarin de Tarascon”, de Alphonse Daudet. Passava a vida a sublinhar passagens e a consultar o dicionário. Conhecia bem a *Selecta* de francês e lia Hugo, Vigny, Musset, Nerval, mas também a arte poética de Boileau, que me abria as portas de um encantado salão literário. Racine era difícil, pão ázimo da leitura, Corneille acenava a “Ilusão Cómica”, mas eu deixava-me encantar com o teatro de Molière, que ainda me fazia sonhar com a *Commedia Dell’Arte*. Às vezes, quando me achava condoído, ouvia as melancolias de Chateaubriand e vestia-me de sombras. O vento trazia-me um prelúdio de Chopin. Noutros dias, para agitar a alegria, folheava as fábulas de La Fontaine, transformava-me em corvo e punha-me a falar com a raposa. Os meus amigos do Liceu diziam que eu era romântico e eu ficava muito feliz, porque isso parecia luzir alguma coisa naquela desolação de acidez ferrugenta que cobria a nossa juventude.